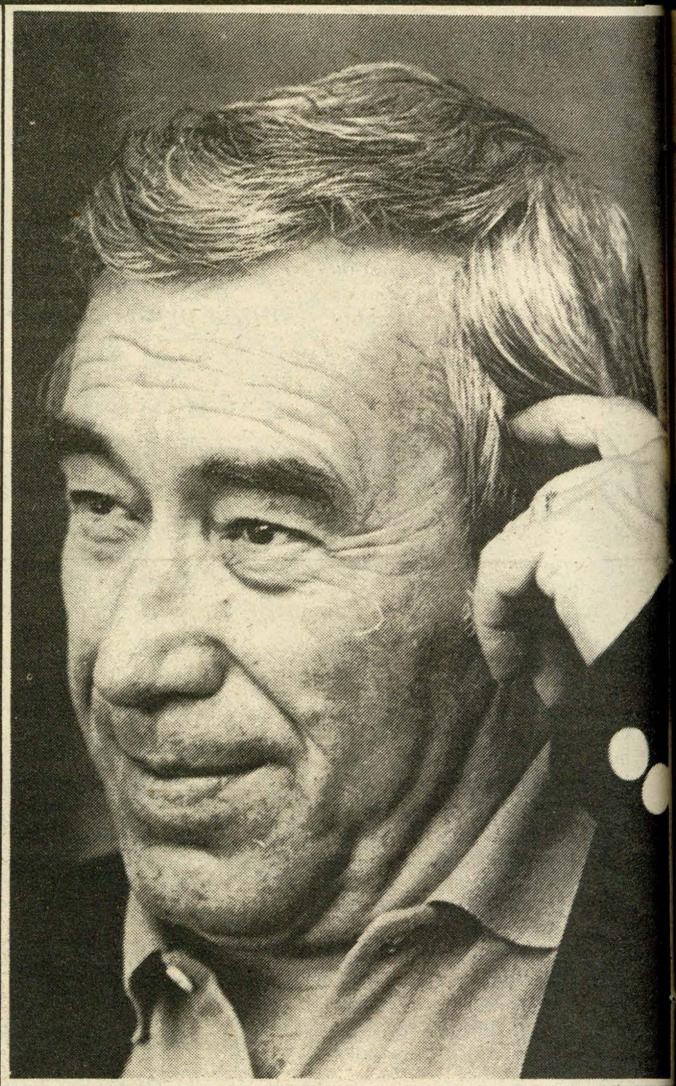


Ao equinócio de Outono  
corresponde uma maré viva de  
edições e reedições. É de afogar!

# Literatura: a moda de Outono



Luis Ramos



Clara  
Ferreira Alves

**A**O equinócio do Outono corresponde, nos meios literários, uma maré viva de livros e edições. Talvez pela coincidência

com o período escolar — época de compra de livros — ou por se considerar que é no termo das férias que os espíritos estão aptos a decifrar as linhas e entrelinhas do romance, do ensaio e da poesia (com a sensibilidade, após conveniente repouso estival, pronta às emoções e sobressaltos) ou, simplesmente, por ser da praxe, é conveniente alinhar nesta altura do ano algumas considerações sobre as novidades da temporada. De facto, o Verão é um período bastante calmo em comparação com a frenética actividade editorial do Outono que — com uma vitalidade exasperante para o crítico — invade os escaparates e as estantes das livrarias. E saudável sem deixar de ser surpreendente como num país tão pequeno (e com tão elevada taxa de analfabetismo) se publica tanto e em tantos sítios. E publica-se bem; a maioria dos títulos traduzidos neste momento em Portugal são de grande qualidade e o «best-seller» tradicional — de Michener ou Clavell — deixa-se perturbar por Nabokov, Fitzgerald ou Pasternak.

Nesta resenha de títulos optou-se por referir apenas a ficção, seleccionando algum ensaio, e por falar em algumas reedições de obras indisponíveis ou quase imprescindíveis. Ficou muito por dizer. O espaço disponível obrigou a malabarismos e cortes que não correspondem a particulares animosidades. Descontou-se parte do que no Cartaz de Livros, em tempo próximo, se recenseará.

## ASSÍRIO E ALVIM

José Quitério, cujas preciosas crónicas de gastronomia portuguesa o EXPRESSO tem publicado — arrecadando méritos e discípulos e fanáticos — balança-se a dar à prosa esparsa a dignidade do livro. Trata-se do *Livro de Bem Comer*, substituído precisamente «Crónicas de Gastronomia Portuguesa». Quem lê José Quitério sabe que a gastronomia é o pretexto sereíssimo para um dos exercícios mais fascinantes em português clássico que se têm publicado por estes

anos, em jornais (ou fora deles). Um livro de bem comer que é também um tratado de bem escrever. Um pouco antes, sairá um pequeno livro que os editores classificam de «exigente e apaixonado», de Stephen Reckert sobre Cesário Verde. Título: *Um Ramalhete para Cesário*. Por seu lado, Moisés Espírito Santo assina um livro que deverá causar alguma controvérsia sobre *Os Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa* (seguido de um estudo de toponímia antiga), com uma conclusão de Natália Correia. Eduardo Lourenço juntou e prefaciou os dois volumes das célebres *Heterodoxias* que agora saem num só volume. Na senda de Pascoaes, a Assírio dá à Luz *O Bailado*, com prefácio de Alfredo Margarido. E a rematar, uma antologia sobre poetas árabes dos séculos XI e XII (do sul de Portugal), a primeira a ser publicada em português, organizada por Adalberto Alves: *O Meu Coração É Árabe*. Na colecção Imaginário, sai um Botho Strauss: *A Dedicatória*. Depois de Peter

Handke e Thomas Bernhard, uma outra expressão em língua alemã de uma sensibilidade aguda e cortante, enclausurada no desencanto e na solidão. Handke e Bernhard são melhores, anote-se, além de serem austríacos.

## BERTRAND

À deriva, a velha casa edita, sobretudo. E publica «ex novo» *Ligações Cósmicas* de Sagan (o Carl, não a Françoise) e *Rodrigo* de José-Augusto França sobre o artista do mesmo nome.

## CAMINHO

Um romance que estava na gaveta e a que o seu autor — Alexandre Pinheiro Torres — escovou o pó do esquecimento, abre a temporada na Caminho. Trata-se de *Espingardas e Música Clássica* que, mesmo a necessitar «cortes e alguma reescrita», aguardou da década de sessenta até aos anos oitenta para ver a luz do dia. «A obra sai finalmente das cafunas. Para que destino?» pergunta o romancista, fino espírito já evidenciado em muita prosa por aí espalhada. Luís de Sousa Rebelo prefaciou e Baptista-Bastos fez a apresentação pública. A merecer atenção. Mas a Caminho tem muitos autores portugueses na manga. De José Saramago (em andanças de novo romance e justíssimas famas de aquém e além-mar) sai 1993, com ilustrações de Graça Morais. De

Mário Ventura sai *Março Desavindo*. De Henrique Nicolau sai *A Busca*. E, na ficção científica, Artur Portela faz o gosto ao dedo na colecção de bolso com *Três Lágrimas Paralelas*. Uma profunda surpresa? Justino Pamplona e Luiz Rodrigues põem a marca nacional no policial ao assinarem *Perfeito como nos Filmes*.

## CONTEXTO

Toda a poesia de Al Berto, de 1974 até hoje, reunida em *O Medo*. Dos livros reunidos no volume, alguns sofreram alterações significativas e outros não; quanto aos restantes textos, uns publicam-se pela primeira vez, tendo outros aparecido dispersos em publicações periódicas. Na capa, uma ousada pose fotográfica do poeta, da autoria de Paulo Nozolino, «em homenagem a caravaggio». Um universo pessoalíssimo, a assinalar neste Outono. Anuncia-se também o romance inédito de Fernanda Botelho, *Esta Noite Sonhei com Brueghel*, continuando a publicação da obra desta escritora justamente integrada em novo contexto pela Contexto. Prevê-se ainda a edição de *Chéri*, de Colette, na tradução de José Saramago.

## DIFEL

Marguerite Duras, «cette dame si étrange», soma e segue. *La Vie Matérielle*, publicado este ano em França e que regista por escrito as conversas sobre «a vida de todos os dias» (material que se torna explosivo nas mãos de Duras) torna-se em português *A Vida Material*. Além de Duras, a ficção estrangeira da Difel veio do actor/escritor Dirk Bogard, com *A Oeste do Pôr do Sol*, até ao regresso de Adrian Mole, *Mais Crescido e Angustiado*. Mole tem sido uma

mina de ouro para a sua inventora e para a Jonathan Cape. Irene Namirovski, com *O Baile*, Marian Zimmer Bradley com *Brumas de Avalon* e Umberto Eco com *A Biblioteca* completam a lista.

## DOM QUIXOTE

Sem margem de dúvidas, o acontecimento literário da «rentrée» é o novo romance de José Cardoso Pires. Título: *Alexandre Alpha*. Depois do sucesso de *A Balada da Praia dos Cães* — que inaugurou, em 1983, o Grande Prémio da APE — Cardoso Pires, autor cioso do estilo e do rigor, continua a praticar o excelente princípio de fazer coincidir o momento da publicação com o momento da convicção da qualidade da prosa, sem precipitações, em lenta maturação. Sobre *Alexandre Alpha* ele não gosta de falar porque, diz: «se pudesse resumir o romance em poucas linhas não demorava tanto tempo a escrevê-lo». Maria Velho da Costa e Lídia Jorge eram dois nomes dos quais se esperava obra até ao Natal mas o atraso da entrega dos manuscritos adiou a saída dos livros até princípios do ano que vem. O de Lídia Jorge tem título: *A Costa dos Murmúrios*. Mas, na prosa portuguesa, a editora aposta num primeiro romance, da autoria de Vasco Rodrigo Lobo, intitulado *À Flor da Pele*. O nome é desconhecido nas letras mas depois da surpresa que constituiu o romance de Fernando Campos, nunca se sabe...

Na ficção estrangeira, Garcia Márquez ataca de novo, com o seu último romance, «best-seller» em toda a parte *Amor nos Tempos de Cólera*. Será uma co-edição com o Círculo de Leitores. A onda latino-americana traz ainda à costa, já este mês, *Historia de Mayta* de Vargas Llosa, o penúltimo romance (o último é: *Quem Matou*

*Palomino Molero?*, também a publicar pela Dom Quixote).

Depois deste interlúdio colombiano e peruano, importa destacar edição (finalmente!) de *Doktor Faustus*, de Thomas Mann. Aparecido em 1947, o romance conta a vida do compositor alemão Adrian Leverkühn, aparentemente decalada sobre a biografia nietzschiana, assombrada pelo mito de Fausto e do seu pacto diabólico. Mann verteu conflitos íntimos na tremenda simbologia de *Doktor Faustus*, mas o fresco é inevitavelmente alemão, com a sua dose excessiva de drama e o recurso aos grandes enunciados da teologia, da filosofia, da música, da política. Eis um romance fundamental que importava traduzir; só se lastima que à mingua de tradutor português, a editora tenha utilizado a tradução brasileira, depois de devidamente revista e adaptada ao português de Portugal. Ainda no reino dos grandes espíritos, há que referir mais um Sciascia — *Contexto* — que se edita entre nós, na colecção de bolso, suceder-lhe-á *O Caso de Charles Dexter Ward*, de H.P. Lovecraft. A ler — é dos «fantásticos» clássicos que mais agradou e influenciou Borges. Na colecção Ficção Universal, lá para Dezembro, o romance da norte-americana Anne Tyler, *Turista por Acidente*. De todos os que ela escreveu, incluindo *Jantar no Restaurante da Saudade*, este foi o que melhor recepção crítica teve, e a «Time» considerou-o um dos livros do ano, em 1986.

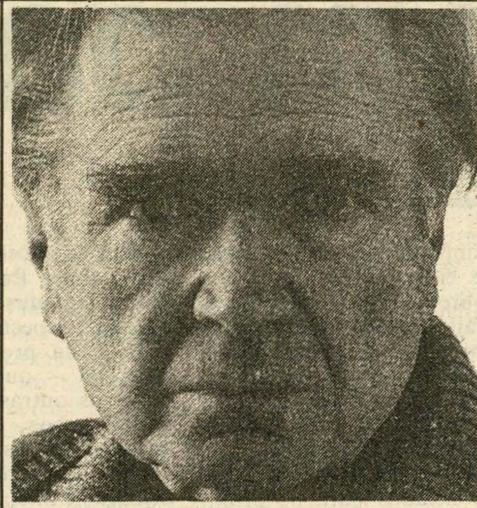
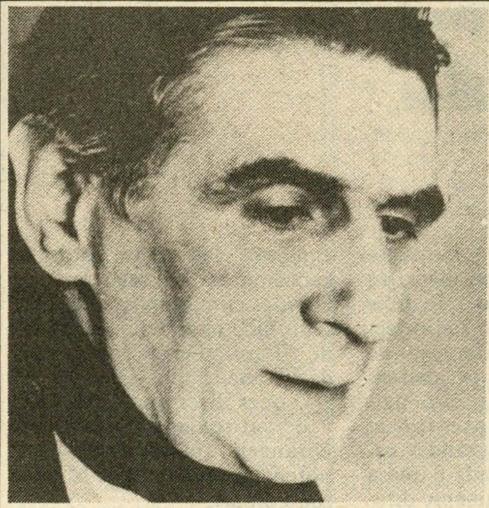
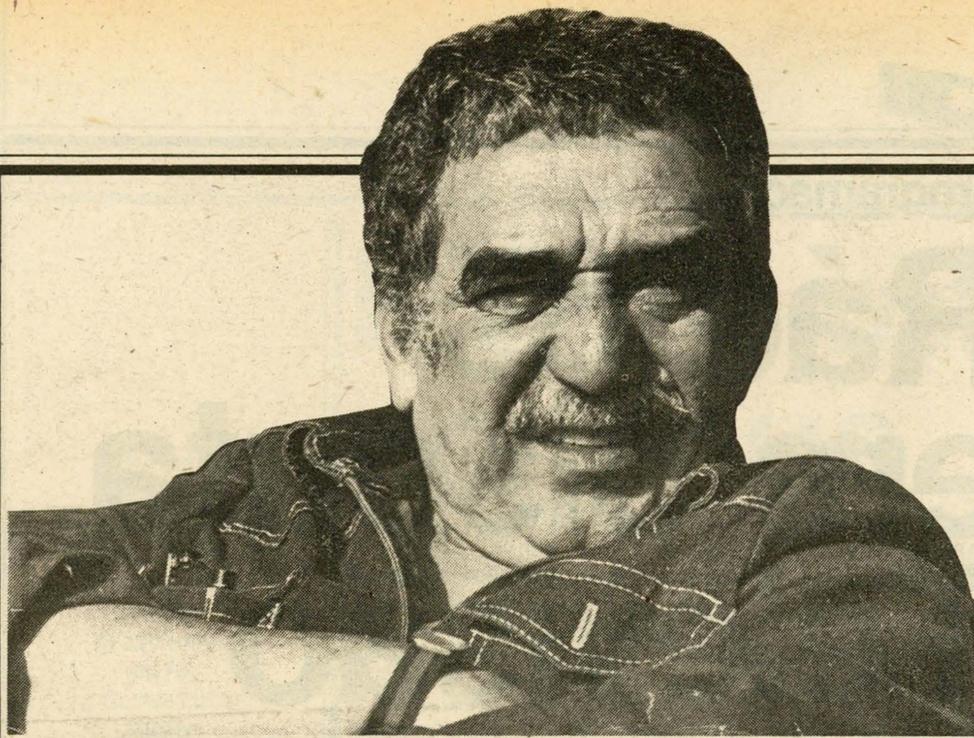
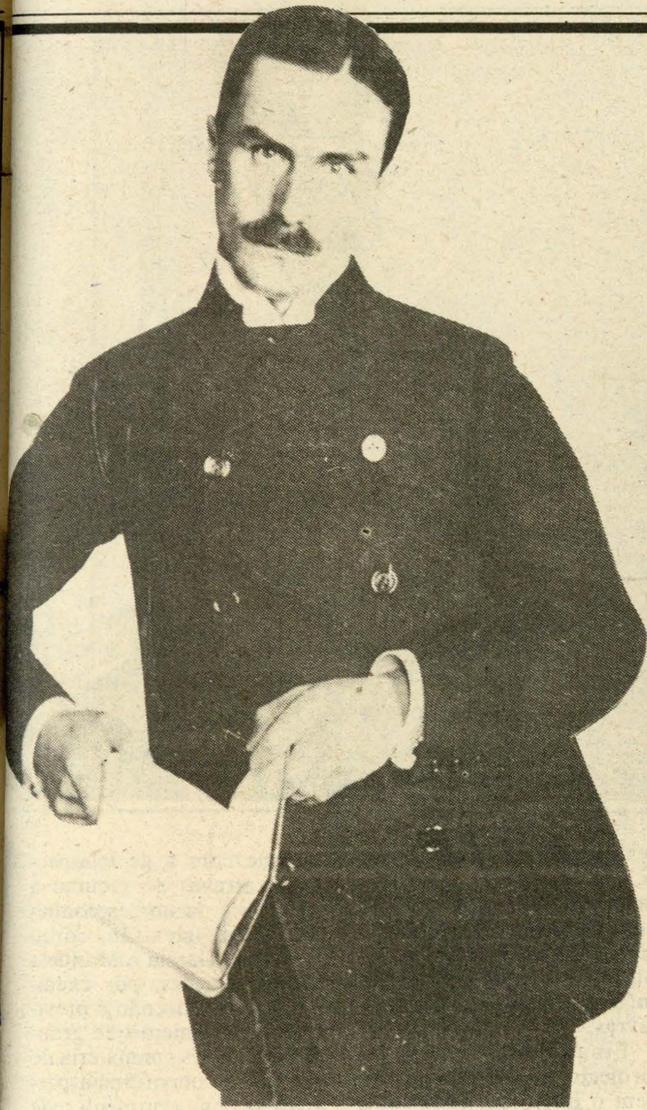
## EDIÇÕES 70

Ensaio e só. Laura Pires escreve sobre *William Beckford e Portugal*, Maria Leonor Machado de Sousa sobre *Inês de Castro* um *Tema Português na Europa* (estudo

O MEDO Al Berto



CONTEXTO



Da esquerda para a direita, Vasco Graça Moura e Cardoso Pires, os portugueses da «rentrée». O romance alemão regressa com Thomas Mann e Hermann Broch, pela ordem na foto. Ao alto, Garcia Márquez, o «best-seller» colombiano, e em baixo, o pessimista Cioran

sobre o tema inesiano com um confronto das heroínas paralelas nas literaturas inglesa e espanhola), Isabel Oliveira Martins sobre William Morgan Kinsey — *Uma Ilustração em Portugal*; e Roland Barthes prolonga a sua imortalidade em *A Aventura Semiológica*.

#### FRAGMENTOS

Uma jovem editora que navega a todo o pano no «mar da fertilidade» que é a ficção contemporânea de lá de fora totalmente desconhecida cá dentro. Em Setembro, vem aí *O Barco-Farol*, de Siegfried Lens, que alimentou a inspiração a Skolínovski e do seu filme. De novo, o drama alemão, tratado com brilhantismo por um autor alemão ofuscado por nomes mais famosos como Grass ou Böll. Nascido em 1925, Lenz possui um lastro considerável. Depois, é a vez de John Hawkes, um dos pós-modernistas americanos, professor em Brown de «Creative Writing». Hawkes recebeu em 86, em França, o Prémio Médicis pelo livro *Aventuras do Comércio de Peles do Alasca* mas a consagração já a obtivera muito antes, nas décadas de sessenta e setenta. Hawkes está ao lado de Gass, Pynchon, Barthelme, num lugar indisputado. Atenção: não é um maçador nem um maniaco. Pós-modernismo na América é compatível com aventura e espírito lúdico. Antes do Natal sai ainda o *V* de Pynchon, *A Criada* e o *Patrão* de Robert Coover (outro americano — da geração de Hawkes que se fabrica em Portugal) e *O Lugar* de Annie Ernaux, francesa, inteligente, da melhor escrita «no feminino» que se fabrica em Paris. No ensaio, vem aí *A Teoria Semântica da Evolução*, de Marcello Barbieri, com prefácio de René Thom. Será

ainda publicado o II volume de *O Estado Novo. Das Origens ao Fim da Autarcia (1926-1957)* e será inaugurada uma nova colecção — *Fragmentos* — de características mais universitárias mas «destinada a um público vasto, nas áreas da história, antropologia e ciências exactas». Na colecção *Ideias, A Filosofia das Ciências Hoje*, organizado por Jean Hamburger e com a participação, entre outros, de René Thom.

#### LIVROS DO BRASIL

Kafka, o de *O Aeroplano em Brescia* e D.H. Lawrence, o de *A Virgem e o Cigano*, são dois clássicos que assinalam a chamada política da «evolução na continuidade» da Livros do Brasil, um dos mais fornecidos fundos editoriais (de ficção estrangeira) que há por estas bandas. Depois há um Toffler, banha da cobra que se vende a preço de ouro e faz do seu autor um multimilionário: *Previsões e Premissas*. Claro!

#### PRESENÇA

Acertou em cheio ao reeditar *Terna é a Noite* atendendo à coincidência com a série na televisão. A tradução é agora de Maria Filomena Duarte e se, tal como em *O Grande Gastby*, parte importante da prosa de Fitzgerald fica pelo caminho entre as duas línguas (em França a tradução deste romance custou a Michel Tournier anos de trabalho) dá para perceber porque é que, apesar dos seus múltiplos detractores, o inventor da «Jazz Age» foi um formidável escritor. A *Presença* tem reeditado Fitzgerald com sentido de oportunidade. Acabado de sair está outro Mishima, *O Templo da Aurora*, terceiro livro da tetralogia *O Mar da Fertilidade*.

#### QUETZAL

Vasco Graça Moura esco-

lhe a Quetzal para a sua estreia como romancista, com o título *Quatro Últimas Canções*, a sair em Outubro na colecção *Serpente Emplumada*. Um mês depois, o autor reincide com um volume de poesia, na colecção *Graffiti*, e o título *A Furiosa Paixão pelo Tangível*. Enatas. Na colecção *Ideias, A Filosofia das Ciências Hoje*, organizado por Jean Hamburger e com a participação, entre outros, de René Thom.

lhe a Quetzal para a sua estreia como romancista, com o título *Quatro Últimas Canções*, a sair em Outubro na colecção *Serpente Emplumada*. Um mês depois, o autor reincide com um volume de poesia, na colecção *Graffiti*, e o título *A Furiosa Paixão pelo Tangível*. Enatas. Na colecção *Ideias, A Filosofia das Ciências Hoje*, organizado por Jean Hamburger e com a participação, entre outros, de René Thom.

tradução é de José Luis Luna, que assinou um excelente trabalho em *As Mil Luzes de Nova Iorque*, de McInerney.

#### RELÓGIO D'ÁGUA

Manutenção de uma sólida reputação editorial, sem desfalecimentos ou quebras de qualidade. A primeira novidade é a publicação de *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e de Mr. Hyde*, em tradução de Agostinho da Silva. Robert Louis Stevenson traduzido por mão de mestre e apresentado por outro mestre, Vladimir Nabokov, cuja «lecture» sobre Stevenson — um dos seus autores favoritos, coisa que Edmundo Wilson nunca percebeu — aqui se reproduz. A fábula «mais próxima da poesia que da prosa comum» é uma história extraordinária, de mistério e imaginação. Uma boa leitura para a «rentrée», com boa capa de Jorge Colombo. Mas, a ficção da *Relógio D'Água* é toda de primeira água. Vejamos: *O Que é Que Parece o Paraíso*, de John Cheever, seguido de *O Bosque da Noite*, de Djuna Barnes, inédita em Portugal. Uma prosa nocturna, elegantíssima como a sua autora, uma «dandy» no feminino. Aparece traduzida lá para Novembro. Haverá também Italo Svevo: *A Senilidade; Paisagens Depois da Batalha*, de Juan Goytisolo; *Angústia do Guarda-Redes antes do Penalty*, de Peter Handke. E, por último, outro dos acontecimentos editoriais de 1987: a publicação do I volume *A Morte de Virgílio*, de Hermann Broch (serão dois volumes) com tradução de Adélia Silva Melo. No mesmo ano, eis o *Doktor Faustus* e o «opus magnum» de Broch a passarem para português.

No ensaio, chegam Lou Andreas Salomé: *Um Olhar para Trás; Tempo e Poesia*, de Eduardo Lourenço; *A*

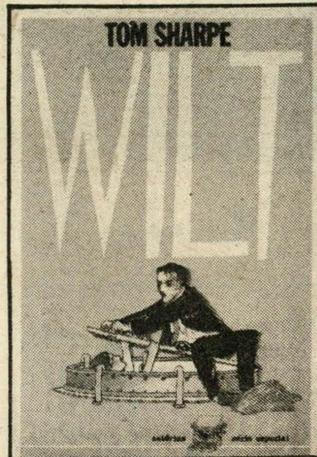
*Tentação de Existir*, de Cioran (outro autor a descobrir por cá) e a reedição de *As Palavras e as Coisas*, de Foucault, na tradução de António Ramos Rosa.

#### ROLIM

Maria Rolim continua a apostar forte na escrita portuguesa. Vem aí o segundo volume do *Diário* de Maria Gabriela Llansol, que toma por título *Finita*, além de ficção de Rui Nunes — *Enredos* — e de Altino Tojal — *História de Macau*. Clara Pinto Correia publica alguns textos curtos, sob o nome *Campos de Morangos para Sempre*, com este cheirinho a Beatles. Na colecção *Fantástico* espera-se talvez antes do Natal, um inédito de Natália Correia. No campo do ensaio, Eugénio Lisboa publica um estudo sobre José Régio e Tereza Coelho e Maria Assunção Avelaz discorrem sobre *A Moda em Portugal nos Últimos 30 anos*.

#### TEOREMA

Acaba de sair, pela primeira vez em Portugal, *Wilt*, de Tom Sharpe, um dos autores ingleses mais divertidos que imaginar se possa. Cultivando uma picardia e um cinismo da melhor tradição «british» (Evelyn Waugh é o paradigma), Sharpe, nascido em 1920, fez o tirocínio habitual em Cambridge e viveu as tribulações do «englishman abroad» (África



do Sul, donde acabou por ser expulso por motivos políticos). Leccionou em Cambridge, cujo ambiente e galeria de personagens lhe proporcionou um dos seus livros mais hilariantes: *Porterhouse Blue*. *Wilt* é magnífico. A Teorema, cuja colecção *Estórias* é das melhores colecções que existem em Portugal, anuncia o Italo Calvino da *Palomar*, testemunho derradeiro de um génio inquieto. E anuncia *Tirano Banderas*, de Valle-Inclán, e *O Tesouro de Sierra Madre*, do misterioso B. Travençolo, cuja obra é urgente (re)desvendar. *O Oitavo Círculo* de Stanley Elkin, *Catedral* de Raymond Carver (ou a «short story» como uma das artes), *Coisas Transparentes* de Nabokov e *O Jornalista Desportivo* de Richard Ford (estrela de um grande ficcionista contemporâneo «made», mesmo muito «made in USA») completam este menu sedutor.

#### VEGA

Um clássico dos clássicos: *Pantagruel*, de Rabelais, em tradução de Jorge Reis e com desenhos de Júlio Pomar; sendo uma redistribuição não deixa de ser um acontecimento. Muito se ganharia na compreensão da literatura (a boa, a excelente e a ótima) que hoje se faz no mundo se se relessem clássicos como Rabelais, Voltaire, Shakespeare ou Montaigne (Eco, lembrem-se?). Clássico, «intramuros», é Aquilino Ribeiro de que a Vega publica as *Páginas do Exílio* e um estudo de Jorge Reis, *Aquilino em Paris*. De Jünger (ainda vivo) reedita-se *Sobre as Falésias de Mármore* e de Julien Gracq *A Costa das Sirtes*. De Raul Brandão acaba de sair a 2.ª edição de *Impressões e Paisagens* e *Amor de Mulher*, de Carlos Malheiro Dias, outro clássico esquecido.